



**CENTRO
ISRAELITA DO PARÁ**

Jamazônia JUDAICA

Órgão Independente • Setembro • 2002 • Ano I Edição nº. 6



É chegado o tempo de nossa alegria!

• Página 2

**ELIAS SALGADO
ANALISA A PRESENÇA
JUDAICA NA AMAZÔNIA
ATRAVÉS DE SEUS
ANCESTRAIS.**

• Página 5

**YEHUDÁ BENGUGUI EM
BUSCA DE SUAS RAÍZES,
RESGATA UM
"ELO QUASE PERDIDO".**

• Página 4

**A DEFESA AO DIREITO
DO CONSUMIDOR
REMONTA A MILÊNIO,
SEGUNDO A TORÁ E
AO TALMUD, AFIRMA
JAYME VITA ROSO.**

• Página 3



**SIMÃO PECHER,
CONTA-NOS UM
POUCO DA
"SINAGOGUINHA
DE MACAPÁ".**

• Página 6

**SAIBA QUEM SÃO
"AS VÍTIMAS OCULTAS"
DE ACORDO COM
O JORNALISTA
THOMAS L. FRIEDMAN**

• Página 6

**O CASAMENTO DA
TEMPORADA DE
DAVID E ILANA
É DESTAQUE
NAS COMUNIDADES**

• Página 7 e 8

EDITORIAL

Finalmente chegou o dia mais alegre de todos, o dia de Simchat Torá - Alegria da Torá. Momentos de extrema felicidade, onde o pensamento é voltado à união e igualdade de direitos. Todos os judeus, sem exceção, dançam com a Torá fechada, mostrando que não importa neste momento nem o conhecimento e nem a compreensão

do texto, mais sim o fato de estarmos unidos na mesma alegria.

Alegria esta que se repete como brasileiros que somos, no próximo dia 6 de outubro, quando iremos sem distinção de raça ou credo, expressar o ato maior e sublime da democracia, o direito de voto.

Quicás, pudessemos espalhar estes momentos de alegria e festa à toda Terra de Israel e a todo Povo Judeu, onde vemos que o caminho para a Paz não é nada fácil, ao contrário.

Temos plena consciência que o caminho para a Paz passa pela aceitação dos Palestinos como Estado-Nação. Também passa pela continuidade do Estado de Israel, o único judaico no mundo, hoje ameaçado não apenas pelas bombas de quem explicitamente o quer destruir como tal, mais também pela incompreensão e antagonismo dos mal-intencionados e dos inadvertidos do mundo inteiro.

Diretor Geral



Ativos biológicos amazônicos para aplicações em cosméticos, fitoterápicos e alimentícios
**ÓLEOS ESSENCIAIS, ÓLEOS FIXOS, EXTRATOS VEGETAIS E
CORANTES**

MAGAMA INDUSTRIAL LTDA - Fone: (XX92) 618-5113 Fax: (XX92) 618-5103 End: Estrada do Aleixo
S/N Ramal da Alba Cep: 69060-000 Manaus - AM Brasil e-mail: magama@magama.com.br

Yom Kipur - Dia do Perdão

Mário Antonio Sussmann

Em entrevista a Boris Casoy, da TV Record, o vice de Lula, Sr. José Alencar, disse que "Israel só tem uma saída: Israel tem que comprar um território em alguma região, porque senão vamos ter ali problema o resto da vida". Depois procurou justificar como "brain storm", anglicismo que significa a aceitação de toda e qualquer idéia, sem prévia avaliação crítica, na esperança de que possa surgir alguma solução dos absurdos eventualmente colecionados.

Significativo que não se tenha pensado em sugerir aos palestinos, com suporte nos petrodólares, a aquisição de alguma outra área sem ser Gaza ou a Cisjordânia, o que seria igualmente monstruoso. A ponderação do Rabino Henry Sobel foi que, se vitoriosa a candidatura petista, o Brasil consiga contribuir com a alternativa pacífica para o doloroso e por demais prolongado conflito no Oriente Médio. A única sanidade que admite é a negociação até a paz.

O Sr. José Alencar não foi original. Para não cansar, lembre-se que até Uganda já foi lembrada como possível localização do Estado de Israel, sem que fossem consultados os ugandenses.

No entardecer de hoje (15/09) iniciar-se o Yom Kipur, o mais sagrado dos dias para os judeus, em que se deve absoluta dedicação a D'us. Neste momento, diz-se oração em que se quebram todos os votos, que tanto já serviu para "apontar" o "hipócrita caráter dos hebreus". Trata-se, no entanto, de reafirmação de fé no monoteísmo.

Obrigados à conversão sob pena de morte, os judeus, de alguma maneira, conseguiam manter suas obrigações religiosas. No

Yom Kipur, diante de D'us, declaravam sem valor os "votos" que tinham sido forçados a proferir. E a vida, para os judeus, é valor absoluto que bem abarca trajetórias para salvá-la.

As ameaças mortais sempre colocaram os judeus entre a sacralidade da vida, que deve prevalecer, e do ritualismo. Pompeu só conquistou Jerusalém em 65 antes da era comum porque muitos se recusaram a empunhar armas no Shabat (Sábado).

As vezes o caminho é dolorosamente claro como o percorrido no levante do gueto de Varsóvia sob a palavra de ordem: "Se o inimigo exige tua vida, faz tudo para preservá-la. Mas se ele exige tua honra, não recues e vai mesmo até a morte".

A eles e a todos a nossa recordação neste Yom Kipur.

É curioso que tantos se disponham a dar lições à mais antiga cultura ocidental, embora com raízes no Oriente, ainda que se diga civilização judaico-cristã. Ao final tudo o que os judeus almejam é que sejam deixados em paz para fazer as suas orações. Ninguém jamais encontrou judeu perturbando a fé alheia para proibi-la ou procurando converter o outro.

Não por acaso tornou-se emblemática a frase hebraica "Am Israel Hai Vekaim", o povo de Israel vive e existe, o que equivale a declarar as segundas derrotas do persistente anti-semitismo.

Acredito que o maior risco contemporâneo do Judaísmo é a contaminação pela irracionalidade que leva a qualificar negativamente coletividades, pior ainda, ao ódio. Para os que sobrevivem aos atentados, que conseguem sempre se superar em selvageria, é maior o perigo.

Prevenir e destruir bases do terrorismo são ações exteriores; permitir que se diga inimigo al-

guém por sua simples origem é risco para mim apavorante porque nos alinha aos que nos odeiam pela mesma razão que é a razão inexistente.

IV

Como bem lembrou na Sina-goga o líder religioso da comunidade israelita de Manaus, Isaac Dahan, nenhum Yom Kipur é igual a outro porque as reflexões e posturas, individuais e coletivas, diante de D'us, não são as mesmas.

Há algo permanente, no entanto. No Amazonas, em Xangai, em Nairóbi, nos mais inesperados lugares, descendentes das vítimas do nazismo procurarão estar face ao Eterno com as mesmas orações dizendo que o povo de Israel vive e existe na sua fé, nos seus pilares que afirmam que a resistência à tirania é a primeira obediência a D'us ou que, onde existem lágrimas, o judeu também chora.

Não é menos inquietante que se burocratize a fé, tornando a religião repetição ritualística vazia porque destituída de consciência e, mais grave, incongruente como o cotidiano de quem a proclama.

O vazio interior tende a alimentar a barbárie. Ora a irresponsabilidade coletiva e a responsabilidade individual, ora o inverso, ora ainda a dupla responsabilidade, é nos judeus que a insanidade tende a justificar sua existência. Portanto qualquer sociedade potencialmente anti-semita é também, por imperativo lógico, potencialmente insana; qualquer indivíduo que exteriorize seu anti-judaísmo na verdade expõe patologia moral, ainda que tente acobertar sob argumentos "geopolíticos".

Que nenhum inimigo consiga nos vencer levando-nos a odiá-lo. Neste Yom Kipur os judeus não de pedir ao Eterno que nos poupe da degradação do ódio.

Um teste judaico de personalidade

As quatro espécies de Sucot são comparadas, num Midrash, simbolicamente, a quatro tipos de pessoas:

• **Eitrog** - tem sabor e aroma - simboliza os conhecedores (da Torá e das mitzvot) e praticantes (de boas ações), ou seja, os que sabem e fazem, unem teoria e prática;

• **Lulav** - tem sabor mas não tem aroma - simboliza os que conhecem mas não praticam, isto é, quem sabe muito, mas na hora de fazer...

• **Hadas** - possui aroma mas não tem sabor - simboliza os que praticam (boas ações) mas não conhecem (Torá nem mitzvot); boas pessoas sem cultura ou conteúdo;

• **Aravá** - não possui sabor nem aroma - simboliza os que não conhecem nem praticam - o tipo: não sei, nem quero saber...

Faça um teste, consigo mesmo (e seus amigos): qual é a sua?

Por outro lado, fica reforçada a mensagem da unidade: assim como as quatro espécies, tão diferentes, são sacudidas juntas, representando a unidade na diversidade, deveríamos fazer o mesmo. (Na verdade, às vezes precisamos de umas boas sacudidas para nos lembrarmos disso... é lamentável que elas nos apareçam na História como tragédias ou perigos eminentes, como, por exemplo, a situação atual de Israel e outras, mais pessoais, em que as pessoas acabam se esquecendo de suas diferenças e se unindo frente a um "inimigo comum"...)

ALEGRIA, ALEGRIA: Shmini Atzeret

Encerramos esta temporada festiva celebrando Shmini Atzeret e Simchat Torá. Em Israel, as duas se celebram juntas, num só dia; na diáspora, em dois. Na Torá, Shmini Atzeret é chamado de a festa do oitavo dia (Números 29:35); no Talmud, é uma festividade a parte, desconectada dos dias anteriores de Sucot (Sucá 48a).

O preceito (mitzvá) mais difícil do Judaísmo...

Três vezes a Torá, ao se referir a Sucot, nos manda ficarmos alegres durante a festa. Isto explica por que se chama Sucot de Zman Simchateinu = tempo da nossa alegria.

Ainda que Sucot e Shmini Atzeret se festejem juntas, existem diferenças. Enquanto que em Sucot há muitas mitzvot, a única

mitzvá de Shmini Atzeret é a de regozijar-se, alegrar-se, ficar feliz! Esta é, na minha opinião, o preceito mais difícil de todo o judaísmo.

A maioria das pessoas e correntes religiosas, discutem desde o motivo de certas mitzvot até como praticar (ou não), quem pode, quem deve, como adaptá-las aos dias de hoje, etc. Mas aqui não se está discutindo filosofia, teologia ou prática religiosa; temos um sentimento, uma emoção a encarar e que envolve atitude interna!

Como cumprir esta mitzvá???

Universalismo e particularidade. Enquanto que em Sucot a celebração tem lugar fora de casa, isto é, na Sucá, Shmini Atzeret é festejada em casa, e, assim como em Sucot o aspecto universal da festividade está determinado através da oferta de 70 cordeiros recordando as nações do mundo, Shmini Atzeret só concerne a Israel (oferta de um só cordeiro). A oferta de 1 X 70, também nos faz voltar ao tema da unidade na diversidade...

Um aspecto particular de Shmini Atzeret é a oração por chuva, porque nesta época o mundo é julgado em relação à água. Nas orações se introduz a frase, que será recitada até Pessach: meshiv háruch amod ha-geshem (faz com que o vento sopra e a chuva caia). Esta reza dá expressão à natural ansiedade que se sente em Israel durante a estação das chuvas, já que a ausência delas significa fome, sede e enfermidade. Esta oração é feita para o dia final da festividade, para não invocar a chuva justamente quando se necessita de um bom tempo para habitar a Sucá.

Depois de todas estas considerações (ou devaneios) o que você me diz: reflexão e alegria não combinam bem? Afinal, que maior alegria pode haver do que quando encontramos, dentro de nós mesmos a unidade, a integridade? Shalom (hebraico) e Salam (árabe), que todos sabem que significa paz (embora não tenhamos ainda conseguido aprender como fazê-la), significa em sua raiz, inteiro, completo. E se conseguirmos ficar interiores, podemos encontrar a paz (interior); se conseguirmos ficar interiores, unidos na diversidade, não teríamos encontrado a paz? E esta não seria o maior motivo de alegria - o melhor modo de festejarmos zman simchateinu?

Jane Bichmacher De Glasman

Envio meu aplauso pelo lançamento desse jornal, que se fazia necessário nas comunidades do Pará e Amazonas. Meu pai, Eliezer Moysés Levy, foi o primeiro fundador de um jornal israelita em Belém, "Voz de Israel" e dele herdamos o entusiasmo com que recebemos um periódico do mesmo gênero. Bravos e votos de sucesso.

Sultana Levy Rosenblatt
McLean, Va. - USA

RECEBIDAS

Foi com grande satisfação e alegria que recebi os exemplares do jornal Amazônia Judaica, cuja feição moderna e bem paginada já prenuncia vitória. Enfiando farto material religioso, histórico, informativo e social já espelha sucesso, mereço da falta que fazia tal veículo para as comunidades do Pará e Amazonas, mereço da colaboração

de pioneiros e estudiosos sobre a existência dos judeus na Amazônia. Parabéns, portanto pela feliz iniciativa que se mostra fadada a ser vitoriosa já que não lhe faltará o apoio que deve merecer tão digno empreendimento, cuja finalidade em bom conceito é o de estreitar os vínculos entre as comunidades judaicas, por mais distante que estejam!

Jaime Salgado
Miami, FL - USA

Jamazônia JUDAICA
O jornal AMAZÔNIA JUDAICA é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia.
Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303
Cep.: 66.035-340 - Belém - PA.
Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184
e-mail: amazoniajudaica@interconnect.com.br

- **Diretor Geral**
David Salgado Filho
- **Conselho Consultivo**
Jacob Messod Benzerri; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmesany; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel
- **Colaboradores**
Rubem R. Serruya; Simone M. Salgado; Clara Azulay; Abraham Benmuyal; Lise B. Serruya e Marcos Serruya
- **Colaboraram nesta Edição**
Yehudá Benguigui; Mário A. Sussmann; Simão Pecher; Elias Salgado; e Erwin V.-Rommel

BARCESSAT Imóveis
Consultoria Imobiliária
Venda • Aluguel • Administração
R\$ 259-2021 / 229-0014 - Belém-PA

- **Correspondentes em Manaus**
Jorge Ney Bentes
- **Arte e Impressão**
Empresa Jornalística e Editora Gráfica M.M. & Lima Ltda.
Rua 28 de Setembro, 283. Fone: (91) 224-3301
Fone/fax: (91) 241-6219 - e-mail: moraes@amazonline.com.br
- **Assinatura anual - R\$ 20,00 (vinte reais)**
- **Preço do exemplar - R\$ 2,00**

Os artigos assinados neste jornal, são de inteira responsabilidade de seus autores, não representam a opinião da AMAZÔNIA JUDAICA.

Jayme Vita Rosa

Na tradição judaica, a origem da defesa dos direitos do consumidor

1. O objetivo deste artigo é mostrar que a defesa do consumidor remonta a milênio, segundo a tradição escrita e oral dos judeus. Sobre tudo, tentaremos apontar que a tradição sempre cuidou do homem como ente criado por Deus, antes de ser um mero consumidor de bens. O que se vende é a mercadoria, não o homem, que não tem preço.

2. É interessante notar que a palavra Bíblia não tem equivalente em hebraico, utilizando-se, nos estudos, a palavra Tanach, que é composta a partir das iniciais da palavra Torá, Nêviim, Kêtuivim (os nomes); o Levítico: Vayikra (o chamado); d) Números: Bamidbar (no deserto) e e) Deuteronômio: Devarim (as palavras). Fiquem esclarecidos que os nomes hebraicos desses cinco livros correspondem a uma das primeiras palavras do primeiro versículo de cada um deles.

3. Por isso, remotamente, dentro da Torá escrita, já se encontram duas claras referências contra o uso indevido de pesos e medidas para lesar o comprador, com expressa determinação de que o ato feria a revelação oral feita a Moisés, no Monte Sinai.

3.1. Assim é que, no Levítico, no Capítulo XIX, versículos 35 e 36, o Eterno, através de Moisés, diz que: "Não cometeris injustiça nos juízos, nem na vara, nem no peso, nem na medida. Tereis balanças justas, pesos justos, um eflá justo e um hin justo. Eu sou o Senhor, vosso Deus que vos tirei do Egito". O corolário das recomendações orais contidas no Capítulo XIX, do Levítico, vem, no versículo 37, que encampa a relação do Criador com o homem, levando em conta que o comportamento ético (Midot) é indispensável e deve ser observado em todos os momentos da vida, com estas palavras: "Observareis todas as minhas leis e meus mandamentos, e os praticareis. Eu sou o Senhor".

4. Na sequência, no Deuteronômio, agora é Moisés que diz ao seu povo palavras de exortação, de conforto, de recomendação e de obediência à Lei. No Capítulo XXV, versículos 13 a 16, exorta: "Não terás em tua bolsa duas espécies de pesos, uma pedra grande e uma pequena. Não terás duas espécies de eflás, um grande e um pequeno. Tuas pedras serão um peso exato e justo, para que sejam prolongados os teus dias na terra que te dá o Senhor, teu Deus. Porque quem faz estas coisas, quem comece fraude, é abominável aos olhos do Senhor, teu Deus".

5. Aqui, uma pausa para referência. O evento da revelação é dom da Torá, conferido a Moisés pelo Criador, como representante do seu povo. Todas as regras de interpretação foram, pois, passadas a Moisés no Monte Sinai, depois transmitidas, pela lei oral, de geração em geração, sem descontinuidade, pelos séculos, até que chegaram aos Sábios do Talmud. Foram, então, sistematizados à época do Talmud, sucessivamente, por Sábios como Hillel o Antigo, Naum de Gamzo, Rabi Akiba e Rabi Ishmael. A lei é escrita, de molde a ser necessariamente interpretada.

5.1. A propósito, o Talmud é um conjunto de tradições orais, que, na realidade simplista, é o fundamento da autoridade das leis e tradições judaicas, acumuladas durante séculos, ou seja, até o ano 450 da Era comum. Seu estudo atingiu a importância de ser equivalente ao da Torá, que é uma obrigação ditada por Deus, ou Sua vontade, de que a Torá fosse interpretada principalmente no sentido

de estudo do Talmud. Foi ele que modelou a natureza mesma do judaísmo e a identidade judaica. Suas leis transformaram o judaísmo em modo de vida, englobando todos os aspectos da vida judaica.

5.2. A primeira tradução completa, em língua inglesa, foi editada por Isidor Epstein, publicada em Londres, pela Soncino Press, a qual tivemos acesso, juntamente com a edição CD-Rom da Soncino Classics Collection, publicada pelo Institute for Computers in Jewish Life e Davka Corporation.

6. A lei talmúdica expressa que a punição divina por incorretas e/ou falsas medidas é mais severa que pelo casamento entre parentes, que ela mesma vedava.

6.1. Dado que a maioria do tráfego mercantil se fazia pela utilização de escambo, ou venda por meio de pesagem (de grão em geral) ou de medição (de óleo, de vinhos e derivados), cuja obrigatoriedade era prevista, tanto entre judeus entre si como com os "gentios", sem que fossem, com esses últimos, controlados tanto os pesos como os aparelhos de medida.

7. Sagaz e sábia a obrigação dos vendedores manterem, em seus negócios, onde estivessem, três medidas de peso que, correspondentes a uma libra (456 g), assim teriam equivalência: um quarto de libra (114 g), metade de uma libra (228 g) e uma libra efetivamente. Também era obrigação dos comerciantes só utilizarem os pesos feitos de pedra ou de vidro, vedando-se a utilização de metais que, com o tempo, pudessem, de qualquer forma, serem afetados pelo atrito (o latão, por exemplo, era vedado). Era, outrossim, proibido aos comerciantes deixarem os pesos dentro de recipientes contendo sal, porque poderiam torná-los mais leves.

8. Competia, restritamente, a cada cidade fixar medidas padronizadas, com restrições, muito embora, no referido Soncino 37, seja encontrada a afirmativa de que "os habitantes das cidades têm liberdade de fixar os pesos, as medidas, os preços e suas respectivas flutuações". Era comum, em muitas localidades, por delegação dos dirigentes da comunidade, haver autoridades que autenticavam e lacravam todas as medidas. Também era proibido, ainda que possa causar espanto, a rigidez, a qualquer pessoa, de manter, em sua própria casa, uma medida que fosse maior ou menor que a padronizada na cidade, porque, inadvertidamente, qualquer um poderia utilizá-la, fosse qual fosse o fim.

9. Os comerciantes, quando não estabelecidos na cidade, eram convidados a seguir os usos e os costumes locais, em razão de que os compradores esperavam que isso fosse feito, quando iam adquirir qualquer mercadoria e não poderiam ser surpreendidos com pesos e medidas com os quais não estivessem habituados. Na ocorrência de erro ou engano na mensuração, no peso ou no número pedido pelo comprador, a venda era considerada nula, isto é, considerada sem

nenhum efeito entre as partes.

9.1. Os comerciantes, previu o Talmud, que trabalhassem com líquidos (óleo, vinho, vinagre etc.) deveriam manter limpos os recipientes e, após cada uso, refazer a limpeza, de molde a proporcionar peso exato aos compradores, da mesma forma que as medidas deveriam sê-lo duas vezes por semana e os pesos, uma vez por semana.

10. Os tribunais indicavam as autoridades que inspecionavam os pesos, as medidas e as escalas utilizadas no tráfego comercial. E essas autoridades, em muitas cidades, tinham poder, até, de manter os preços equitativos e uniformes entre os comerciantes do mesmo ramo, cabendo-lhes aplicar aos infratores penas pecuniárias.

11. Na comercialização dos produtos em natura ou acabados, fossem vendidas a grosso ou a retalho (para consumo imediato), a lei talmúdica previu a obrigatoriedade da precisão e clareza sobre a qualidade da mercadoria vendida. Deleitos ocultos ou não aparentes ao exame ocular, muita vez feito apressadamente, deviam ser, obrigatoriamente denunciados. Da mesma forma, numa profunda antecipaço do que sucederia séculos mais tarde, vedava a lei talmúdica o engodo do comprador, pela criação de falsa impressão de qualidade superior (hoje utilizam-se sofisticadas técnicas de publicidade para enganar o consumidor). Naquela época, eram fraudes comuns, aliás, não discrepantes de que, há pouco, ocorreram na França, na Itália e, mesmo no Rio Grande do Sul: misturar água no vinho de boa qualidade, assim como misturar vinho velho, de safra rejeitada, com vinho novo para dar um blend ou utilizar antigos recipientes de óleo para colocar vinho neles, sem nenhuma precaução higiênica.

12. A previsão talmúdica da fraude merece um breve lance comparatístico com a fraude no direito romano.

12.1. Parece não existir uma obra específica a respeito da fraude, no direito romano, que a abranja em seus múltiplos aspectos. Os romanistas cuidaram mais de aspectos estanques ou particularizações, como *fraus legi* e *fraus creditorum*.

13. Lucio Bove, romanista da Universidade de Nápoles, por fraude entende que é "em geral, um comportamento malicioso e contrário à norma, expressa ou não, ou ao costume, mediante o qual se tenta obter um resultado ilícito, mesmo se com dano concreto e atual de um outro sujeito" (verboete, Novíssimo Digesto Italiano).

14. Na literatura clássica romana, há alusões à fraude, porque, da raiz desta palavra, nasceram os termos *fraudare*, *fraudatio*, *fraudentus*, *fraudatorium*. O tangente, nesse exame comparatístico, entre a fonte talmúdica, que reverbera a fraude, com o romano que é, neste último, também são os moralistas que a apenam.

15. Tornaram-se imortais as máximas de Sêneca e de Fedro. Do primeiro, *fraus sublimis regnat in zula* (os maus e os poderosos não se cansam de usar a fraude) e a fortuna para corromper a verdade e jogar insidias contra os incautos; do segundo, *quicquid turpi fraude semel innotuit, etiam si verum dicit, amittit fidem* (quem, por meio de uma torpe fraude, uma vez se manchou, ainda que queira hoje dizer a verdade, não será mais acreditado).

15.1. Nas relações ditas comerciais, a severidade da lei talmúdica desce a particularidades especiosas, quase que procurando abarcar a multifária variedade de fraudes. Não só pela curiosidade que desperta, como pela relevância humana de proteção à boa fé, algumas apelações devem ser lembradas:

a. embeber carne na água para, quando levada à balança, parecer mais pesada;

b. inflar os intestinos e as entranhas de animal exposto à venda para dar a aparência de ser maior em tamanho;

c. repintar objetos expostos à venda para dar aparência de novos;

d. pintar a barba ou o cabelo para obter emprego compatível com a idade.

16. Antecipando-se à famosa *disclosure*, a lei talmúdica, com profunda percepção da alma humana e da tragédia existencial do eterno conflito entre o ser e o ter, particulariza, sempre mais, tornando obrigatória a informação precisa da coisa vendida. Exemplo lapidário é o da obrigatoriedade de ser informado o comprador de calçado de couro, qual o animal de cuja pele foi confeccionado.

17. Não só o pretenso subterfúgio era resguardado, como, também, a forma como apresentados os modernos "defeitos aparentes" ou "semi-aparentes", muito embora, se considerasse válida a venda quando um defeito visível fosse mostrado ou mencionado claramente e existissem outros não detectados com facilidade, porque o comprador recebeu informação suficiente, para poder rejeitar a compra, de pronto.

18. Da mesma forma, dependendo do local, a existência de fato notório não seria motivo de anulação da venda. Assim, em certas regiões, onde o barro não era de boa qualidade, ou difícil de ser trabalhado, admitia-se uma quebra inferior a dez por cento, porque o comprador não fora ludibriado.

19. Não é criação do dirigismo estatal o controle de preços. Este instrumento que causou tantos malefícios, porque geralmente formulado por pessoas que alimentam a esperança de governar pelo vidro opaco do provável, já encontrara na lei talmúdica alguns ensaios, porém, formulados com discernimento, bom senso e forte sentimento humano.

20. As chamadas técnicas de *merchandising* eram habitualmente combatidas pelos tratadistas talmúdicos, quando objetivavam induzir o comprador a gastar mais ou ao voltar ao mesmo estabelecimento, por ter sido seduzido por "algo mais", como receberem as crianças nozes (a título de presente) enquanto seus pais compravam.

20.1. Também, apesar de ser combatida esta prática com ferocidade, os comerciantes se permitiam em baixar os preços de alguns artigos, não só para dar prazer ao comprador, como para manter a própria sobrevivência.

20.2. A atração do comprador, por meios fraudulentos, entretanto, era considerada ilegal. Assim, um produto que vinha sendo vendido com um certo desconto, não poderia levar o comerciante a enganar o comprador que esse desconto era "especial"; assim, se o comerciante promettesse mais pelo dinheiro que o comprador gastasse em seu loja, não poderia oferecer produtos de inferior qualidade dos seus concorrentes, ou, mesmo, em quantidade.

21. Aos talmudistas desagradava a

fórmula paternalista de ser deixada a pessoas indicadas pelos tribunais para fixar as medidas e os preços máximos, isto porque: a) sempre hesitaram em colocar travas na livre competição; b) sempre acordaram que era privilégio de cada um vender pelo melhor preço suas mercadorias, quando o vendedor firmemente acreditava serem eles superiores às dos outros.

22. Mas, a reiteração de fraude e a prática de atos desleais levaram os talmudistas a admitir a fixação de preços *ad altera*. Um tipo de ato que a isso pudesse conduzir, cuja curiosidade é flagrantemente, consistia em forçar os demais comerciantes a baixarem os preços de certas mercadorias e, quando escasseavam as dos outros, de uma vez, aproveitando os estoques, subir os preços, compensando as alterações anteriores, de forma abusiva.

22.1. Saliente-se que existia uma outra fórmula em se fixar preços: pelo senso comum dos compradores. Haveria intervenção quando, desabastadamente, se elevassem ou abaisassem os preços, confundindo o consumidor.

23. A legislação talmúdica ao proteger o consumidor, de modo particular, na questão dos preços e na anulação da compra, facilitava a queixa, pela ausência de embaraços processualísticos; não existiam custos judiciais, nem honorários de advogado e nem processos organizados em autos: predominava a oralidade e a imediata decisão.

23.1. Por isso, os processos eram simplificados, sem embaraços, enfatizando-se, porém, sempre os aspectos religiosos e suas implicações na vida cotidiana, pois a integridade de cada pessoa era a virtude mais apreciada.

24. O Talmud dá uma visão do mundo, em que se respeita livre competição entre os homens, com as exceções que procuramos mostrar. Entretanto por uma sabedoria maior,

fixava os pesos e as medidas de antemão. Insistia, sempre, que a boa fé devia prevalecer entre o comprador e o vendedor. Para todo esse desiderato, armou o cotidiano com bem distribuídas "agências", que regulavam os preços do mercado, um eficiente e barato sistema judicial, bem definidas formas de conduta, com relevo da promessa de punição divina aos infratores.

24.1. O Talmud acabou com o pensamento monolítico, que teve no moderno capitalismo liberal o seu ápice, e, com ousadia, voltando dois séculos, entendemos que, embora atax, foram importantes judeus (Marx, Lenin, Trotsky) que moldaram o moderno socialismo, para propor um possível renascimento do homem, suportados eles nas tradições talmúdicas, embora desvirtuando-se do verdadeiro suporte religioso.

25. Sobre os altos desígnios dos judeus, Golda Meir, expressou: "Nunca aceitei que os judeus fossem povo eleito, como se diz. Parece-me, e ainda me parece, mais razoável acreditar, não que Deus tivesse escolhido os judeus, mas que os judeus foram o primeiro povo a escolher Deus, o primeiro povo na história que fez coisas realmente revolucionárias e, por isso, que ele é o único".

25.1. Para concluir, é que, levando em conta os desígnios do Eterno, os judeus, ao praticarem todo um conjunto de regras e de normas que defendem o homem, em harmonizando a sociedade, sobretudo nas relações comerciais, sentiam e se sensibilizavam com a precariedade da condição humana, no seu breve lapso existencial terreno.

1 My Life, Nova York, 2ª edição, 1977, páginas 13/14.

NÃO É CRIAÇÃO DO DIRIGISMO ESTATAL O CONTROLE DE PREÇOS... JÁ ENCONTRARA NA LEI TALMÚDICA ALGUNS ENSAIOS.

A PUNIÇÃO DIVINA POR INCORRETAS E/OU FALSAS MEDIDAS É MAIS SEVERA QUE PELO CASAMENTO ENTRE PARENTES, QUE ELA MESMA VEDAVA.

Sua diversão garantida nas melhores máquinas de bingo eletrônico da cidade. E com um pouquinho de sorte... hum!!! Você garante muito mais.



Saúde, harmonia e equilíbrio do corpo.

João Babi, 618 • Fone/fax: 241.4130 • Belém-PA
www.anaunger.com.br • E-mail: anaunger@netvivo.com.br

De bem com o vidd!



ANA UNGER
ACADEMIA DE DANÇA

ANA UNGER
ACADEMIA DE DANÇA

Ballet clássico (Royal) • Jazz •
Sapateado • Dança do Vento •
Dança de Salão • Dança •
Contemporânea • Dança •
Moderna • Flamenco.

Miscelânea • Pump • Combat •
Hidro • Capoeira • Gyrtonic •
Natação Infantil • Estética

Em busca de minhas raízes

Yehuda Benguigui
Especial para AJ

Meu pai, Moyses Benguigui Bar Shalom Z'L, teve uma existência quase centenária. Faleceu aos 98 anos, em Setembro de 1986, no mês de Elul, fazendo 16 anos.

Desde meus primeiros anos, cresci escutando ele contar histórias de sua infância e juventude passados no Melah de Salé em Marrocos. Com uma memória prodigiosa que D'us o abençoou, se recordava de detalhes e minúcias acerca da vida em geral da comunidade judaica, suas relações com os mouros, a rotina religiosa, os Rabinos que conheceu, fatos pitorescos que viveram e datas, o dia em que saiu do Marrocos, quando chegou ao Brasil e etc.

Quando regressou a Belém em 1969, depois de permanecer três anos de Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, decidi começar a anotar e gravar todas as histórias de família e suas recordações da infância e da juventude. Assim, passei mais de dez anos punhando pela memória dele e anotando, registrando e gravando tudo o que podia.

Algo que sempre me intrigou, era o fato de existir uma barreira de gerações na família Benguigui. De fato, só conhecíamos de nossos ancestrais, ademais de meu pai, uma única irmã que veio para o Brasil, tia Leticia Benguigui Azulay Z'L, que era casada com tio Jacob Azulay Z'L, durante muitos anos o shaliach tzibur e líder espiritual da comunidade judaica de Manaus. Todos os outros seis irmãos e irmãs foram do Marrocos para Israel. De meu avô, somente tínhamos as histórias de papai...

Meu avô Shalom Benguigui Bar Moshé Z'L, faleceu no ano de 1935, em Salé, no longínquo Marrocos, onde foi enterrado, o que representava para mim um "elo perdido".

Foi assim, que em agosto de 1992, já residindo nos Estados Unidos, atendendo ao chamado da American Sephardi Federation, Aziza (minha esposa) e eu decidimos participar da fantástica e histórica atividade em que, relembrando os 500 anos da expulsão dos judeus da Espanha durante a Inquisição, em 1942, se concentraria um grande número de descendentes de judeus sefardim "expulsados de Espanha". O programa previa uma viagem a Espanha de cerca de 10 dias. Nesse período se visitou a assim chamada "Espanha

Judia", ou seja, as principais cidades em que os judeus viveram e deixaram suas marcas indelévels na cultura e na formação literária desse país. Iniciando o percurso em Madrid, passando por Córdoba, berço de Rambam, seguindo-se Sevilha e Granada, culminando com Toledo. Em Toledo, cidade incrivelmente mantida com suas características medievais, depois de uma completa visita aos extraordinários recantos históricos, coincidindo com Tisha Beav, nesse ano no dia 9 de Agosto de 1992, se realizou a cerimônia na multissecular "Sinagoga del Tránsito". Foi aí nesse mesmo lugar que há 500 anos os expulsados de Espanha comemoraram em 1492 seu último Tisha Beav! No dia seguinte, saíram expulsos para outras terras como Holanda, Turquia, Norte da África - Marrocos entre outros países.

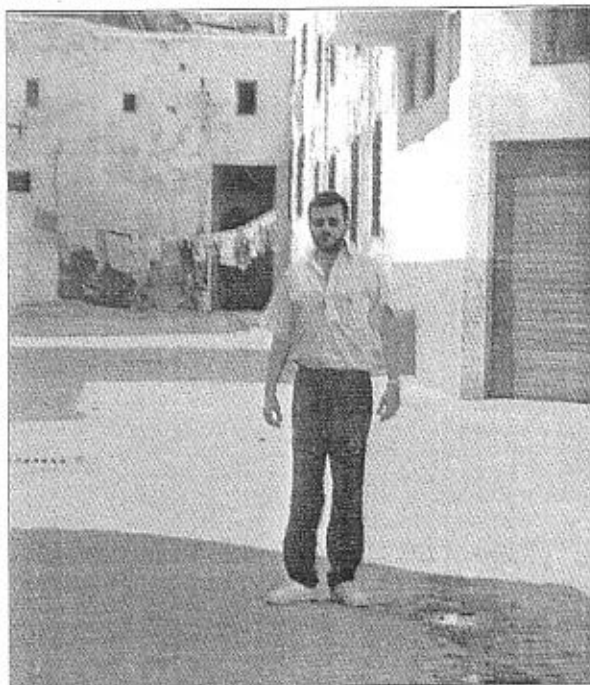
Assim, em 1992, 500 anos depois, foi exatamente esse o percurso feito pelos descendentes dos sefaradim. Cada grupo, se dirigiu ao país que seus antepassados, segundo as tradições familiares, foi parar depois de expulsos pela Inquisição espanhola.

Nos, por consequente, no dia 10 de Agosto (10 de Av), fomos ao Marrocos. Tomamos o voo Madrid - Tânger pela Royal Air Maroc.

Escolhemos Tânger, justamente para homenagear o pai de Aziza e a família Serruya em geral. Pois, nos contava o Sr David Jacob Serruya Z'L, que seus pais Jacob e Aziza Serruya Z'L, criaram a família em Tânger e depois foram a Casablanca, de onde vieram posteriormente ao Brasil. Portanto, se tratavam de verdadeiros Megorashim - exilados de Espanha, que se estabeleceram no Marrocos.

Em Tânger, na Medina, no centro antigo da cidade, onde estão o Pequeno e Grande "Zoco", se localizam as instituições históricas judaicas - sinagogas seculares, na rua Sy Aguires, o centro comunitário na Rue de la Liberté, o antigo cemitério onde estão vários chachamim e etc. Circulamos demoradamente nesses lugares, visitando as antigas sinagogas onde os Serruya certamente passaram sua infância e juventude na outrora florescente comunidade judaica de Tânger, do início do século XX.

A próxima parada, Casablanca, para completar o circuito da família Serruya, nos revelou duas realidades - o Melah, antiga área onde os judeus viveram até mediados do século passado com antigas sinagogas monumentais, e o antigo cemitério. A outra, em contraste, foi uma vibrante comunidade,



Yehuda Benguigui em frente à casa que seu pai passou a infância, no Melah de Salé, Marrocos



Zoreando a sepultura de Shalom Benguigui Bar Moshé, Z'L no cemitério de Salé

calculada em cerca de 8.000 membros, com rabanut, mikvaot, yeshiva, colégios, escolas judaicas de todos os graus, restaurantes e açougues Kasher, museu e arquivo, centro comunitário amplo e bem organizado - enfim, com uma vibrante dinâmica vida judaica, apesar das dificuldades de caráter político e as características do país.

Finalmente, fomos a outra etapa, de reencontro às raízes da família Benguigui. Os Benguigui, ao contrário dos Serruya, não eram Megorashim. Não foram exilados de Castilha. Eram Toshavim - residentes autóctones, que já estavam no país desde tempos imemoriais (*).

De Casablanca fomos a Rabat, a capital do país e em cujas cercanias está a pequena cidade germinada de Salé, dividida pelo Rio Oued Bou Regreg, que desemboca no mar. Atualmente, as duas cidades são unidas pela ponte Moulay Hassan.

Depois de visitar o Melah de Rabat, atravessamos o rio em direção a Salé. Não tivemos dificuldades em encontrar as portas - "Bab" - que circundam o Melah. Eram exatamente como papai me descrevia. Levei inclusive o desenho que fiz, seguindo as descrições dele.

No Melah, depois de circular demoradamente por todos os recantos, comeci a buscar o endereço da casa de meu avô, onde todos os filhos passaram sua infância e que meu pai se criou, antes de vir ao Brasil. Segundo minhas



Tefilat Minhá no monumento erguido no mausoléu de Rabi Raphael Encaua Z'L no cemitério de Salé

anotações, era "Impasse Saul, número 2". Mas, depois que os judeus foram maciçamente para Israel, nos idos dos anos 50 e início da década de 60, os nomes das ruas foram modificados. Daí ter sido uma tarefa bem complicada, mas com a ajuda de meu abnegado guia, especialmente contratado em Rabat, encontrei a antiga "Impasse Saul". Pela descrição de papai, consegui chegar à casa. Aparentemente os moradores estavam ausentes, pois apesar de batermos muito, não foi aberta a porta. Como já se estava aglomerando uma pequena multidão com olhares entre curiosos e hostis, nosso guia, "sugeri" que seguíssemos adiante.

Assim, só consegui fotografar a entrada da casa. No multissecular cemitério, onde estão enterrados milhares de pessoas, e muitos chachamim e dayanim, foi que conseguiria reencontrar o elo distante.

A mais famosa figura enterrada em

Salé, é o Rabino Raphael Encaua Z'L. Era conhecido como "Hamalach", pois contam que mesmo em vida, estava em um plano espiritual tão alto, que era comparado a um anjo.

Rabi Encaua foi "Gran Raban e Dayan" primeiro de Salé, depois de Rabat e posteriormente de todo o Marrocos. Sua história, contribuições à cultura e as tradições judaicas do Marrocos e suas obras de "responso", merecem ser relatadas em outra oportunidade... É considerado um santo inclusive pelos muçulmanos e seu túmulo é um importante monumento no cemitério de Salé, cuidadosamente mantido pelas autoridades locais. Em Lag Baomer e em sua Nahalah, dia 4 de Av, são organizadas cerimônias de Hilulal, pela Comunidade Judaica a nível nacional, com afluência de descendentes marroquinos de Israel, França, Canadá e Venezuela. Quando chegamos lá, cerca de 3 horas da tarde, havia um grupo no túmulo de Rabi Raphael Encaua Z'L e notamos certo alvoroço quando nos aproximamos. E que haviam 9 homens presentes e esperavam avidamente a chegada de mais um para completar o "minian" para a tefilat minhá. Assim, tive o zechut de rezar a minhá, tendo sido o décimo homem. Ao término, o grupo misto de descendentes de marroquinos vivendo atualmente em Israel e no Canadá, nos perguntaram de onde éramos. Ao respondermos do Brasil, se surpreenderam - e o que vem fazer judeus do Brasil em Salé? Expliquei que meu pai era oriundo de lá e que meu avô estava enterrado nesse cemitério. Um israelense, me disse então que o antigo zelador do cemitério, por coincidência estava ali e "quias" ele conhecesse a localização do túmulo de meu ancestral.

Velo então o Sr Sotto, que falava unicamente arábica, assim que o israelense,

também fluente em arábica, serviu de intérprete. Fálavamos em ivrit e ele traduzia ao arábica. Depois das explicações, me indagou de que família e quando disse Benguigui, perguntou de que ramo - de Shalom ou de Messod? Respondi de Shalom, e o tradutor me replicou então - ele disse que sabe onde está o túmulo de seu avô! Disse que seu avô era um chacham e shaliach de Rabi Encaua!

Salmos atrás do Sr Sotto, encurvando em anos, caminhando lentamente entre os túmulos e ele repetindo "Shalom Benguigui", "Shalom Benguigui"... até que depois de cerca de 15 minutos de caminhar, parou e assinalou-me o túmulo.

Fu não pude acreditar - o túmulo de meu avô, com a lápide perfeita e a inscrição clara - Shalom Benguigui Bar Shalom Z'L - escrita só em hebraico, como era o costume no Marrocos.

Fiquei arrepiado. O Sr Sotto, já entregando-me um sidur aberto, para que eu zoreasse adequadamente. Foi o "Yoshev Besseter Elien" que recitei com a maior emoção e kavannah em toda a minha vida.

Meu pensamento nesse momento foi de resgate de uma dívida a meu pai. Ele nunca teve a oportunidade de regressar ao Marrocos para rever o lugar de seu nascimento e onde passou sua adolescência, bem como para zorear o túmulo de seu pai.

Como eu tive esse zechut, decidi seguir adiante e pesquisar a saga de nossos ancestrais no Marrocos, as cidades que viveram, a gigantesca produção literária rabínica, a história dos chachamim, rabanin e dayanim, fatos pitorescos, costumes e tradições, que fazem em seu conjunto com que o judaísmo sefardim marroquino tenha características especiais.

Até agora, Aziza e eu, já regressamos cinco vezes ao Marrocos. Sempre visitando cidades e lugares diferentes, buscando documentar, fotografar, registrar fatos e recuperar arquivos, para assim resgatar, como um legado, nosso elo "quase perdido" para as próximas gerações.

(*) - Os Toshavim, foram chamados ironicamente pelos Megorashim, que lá chegaram séculos depois, de "Forasteiros". O que certamente era devido ao fato que os mesmos ao não falarem espanhol ou ladino, eram forasteiros a cultura daqueles...



Mechal da Sinagoga Rabi Yehuda Azancott Z'L na medina de Tânger, Marrocos

EV®

Seu futuro lhe pertence.

SEGUROS
242-1016

3083-1127
Miguel Athias

Fazendo sua previdência privada complementar com a EV Seguros, você coloca em suas próprias mãos a responsabilidade de um futuro tranquilo. A EV tem linha direta com todas as melhores seguradoras do mercado. Você escolhe quanto quer investir, como vai fazer, por quanto tempo e o tipo de produto. A EV Seguros faz o resto.



Os maiores clássicos em VHS e DVD disponíveis nos supermercados e lojas de departamentos, agora podem ser adquiridos pelo site: WWW.cosmosvideo.com.br

UM ESTUDO ATRAVÉS DO CASO DOS ELMALEH / SALGADO

Presença judaica na Amazônia - preservação e aculturação

Este trabalho tem por objetivo analisar a trajetória dos judeus oriundos do Marrocos, que imigraram para a Amazônia, o "Eldorado Verde", a partir das primeiras décadas do século XIX

Elias Salgado

A presença judaica na Amazônia tem início em torno de 1810 como podem comprovar a criação das duas primeiras sinagogas do Brasil: Essel Avraham (1823 ou 1824) e Shaar Hashaim (1826 ou 1828) na cidade de Belém no estado do Pará, bem como as sepulturas encontradas no primeiro cemitério judaico daquela cidade: o da Avenida Soledade, que tem a sepultura mais antiga pertencente a Mordechai HaCohen falecido em 27 de Sivan de 5608 equivalente a 28 de junho de 1848. O primeiro pedido de naturalização e de licença para comerciar que se tem conhecimento é do judeu marroquino José Benjô, foi solicitado no ano de 1823.

Alguns pesquisadores já estudaram anteriormente as razões que motivaram a saída daqueles judeus em direção a Amazônia brasileira: Mirelman (1987); Bentes (1989); Liberman (1990) e Benchimol (1998). Este último, Samuel Benchimol, em seu livro Eretz Amazônia - Os judeus na Amazônia, aponta para uma conjunção de fatores de expulsão - dificuldades de sobrevivência nos "melahs" (bairros judeus) traduzidas por pobreza, super população, epidemias de cólera e peste bubônica como as de 1790 e 1818, apedrejamento de judeus vivos e mortos, destruição de sinagogas, perseguições e sofrimentos. Já os fatores de atração, cita Benchimol, foram os seguintes: abertura dos portos brasileiros, Tratado de Aliança e Amizade entre Brasil e Grã-Bretanha firmado 19 de fevereiro de 1810, o fim da Inquisição em 1821, a Constituição Imperial de 1824 e a primeira Constituição Republicana de 1890.

Nesta época vivia-se o pleno apogeu do ciclo da borracha, e os judeus marroquinos que, desde 1810 estavam emigrando para a Amazônia, receberam novo incentivo e alento para continuar emigrando.

O novo estatuto político permitia que as "sinagogas" sassem da semi-clandestinidade para se organizarem como templos de oração, estudo e reunião da comunidade judaica. No entanto, não apenas as sinagogas passaram à legalidade to-



• Lázaro Salgado (L'Z) e Sime Blues Salgado (L'Z) - Patriarcas da família Elmaleh na Amazônia

tal, mas também os próprios imigrantes que já se encontravam no país, muitos deles de forma ilegal.

Foi neste período e oportunidade de que o judeu marroquino, oriundo da cidade de Rabat, Eliezer Elmaleh, que já se encontrava no país há vários anos, fez seu pedido de naturalização no Cartório de Registros da cidade de Tefé, no interior do Estado do Amazonas. No ato da

naturalização, Eliezer, aproveitou a oportunidade para traduzir o seu nome para Lázaro Salgado. As razões que levaram Salgado a tal procedimento não estão muito claras, seus descendentes alegam que ele se sentia incomodado pela dificuldade que possuíam os nativos de pronunciar corretamente o seu sobrenome. Porém, podemos com certeza, encontrar razões mais profundas para tal

Os judeus precursores no Brasil do século XIX

Eles chegaram em levadas diversas. Vinham de um país longínquo - o Marrocos. Eram os rios de 1800. O país vivia novos dias. Respira novos ares. A borraça era o novo ouro e a Amazônia o novo Eldorado.

Vinham em busca de esperança. Eram jovens, muito jovens. Verdadeiros desbravadores, homens e mulheres destemidos, aqueles judeus orgulhosos.

Traziam na bagagem uma herança milenar - ecos da antiga Sefarad (Espanha) de Ouro no Marrocos dominado agora por espanhóis e franceses. Da sua região natal o Tânger (de onde eram a maioria), traziam a hakitia como idioma familiar - misturavam

árabe, espanhol e hebraico - e agora falavam também o francês e o inglês (parte deles), o que os privilegiava com títulos consulares e cargos em companhias internacionais. Homens e mulheres do mundo aqueles sefarditas.

Se embrenhavam mata a dentro com destemor, ligando a distante e mística Amazônia ao Velho Mundo através de seus negócios. Sua intenção não era explorar, enriquecer e voltar, como o fizeram colonizadores anteriores. Vieram para ficar. Criaram raízes com o coração voltado às origens milenares. Fundaram sinagogas e instituições comunitárias para preservar e dignificar a prática de sua crença ancestral.

"A mãe e a cobra"

Fim de tarde, o calor intenso indo embora, uma jovem mãe judia, educada na Europa, amamenta seu bebê de oito meses sentada no cais. É lindo o pôr do sol nos rios da Amazônia. Sopra uma leve brisa e a jovem mãe adormece naquele sublime ato de amamentar sua cria. De repente, ela percebe que o outro seio também está sendo sugado. E por quem? Por uma cobra!

Algumas semanas depois, num elegante restaurante de Belém, uma jovem socióloga judia nos conta, à guisa de curiosidade, que uma tia-avó de Cametá se divorciara do esposo e regressara ao Marrocos, depois de passar pela traumática experiência de amamentar uma serpente.

Henrique B. Veltman

decisão: certamente Eliezer sentia uma forte necessidade de externar sua atitude de deixar para trás todo um passado de opressão e dificuldades sofridas no longínquo "melah" de Rabat e poder abraçar uma nova perspectiva de vida, fazendo-o através deste registro de "renascimento".

Eliezer Elmaleh, agora Lázaro Salgado, assim como centenas de outros judeus pobres oriundos do Marrocos que afluíam ao norte do Brasil, traziam na bagagem o sonho de vencer a luta contra a adversidade da selva amazônica, objetivando criar uma base de sobrevivência com a qual pudessem se estabelecer no país, adaptando-se e aculturando-se às condições locais e ao mesmo tempo se empenhando na preservação das tradições judaicas de seus ancestrais.

Rubem Salgado (L'Z), o filho mais velho de Lázaro contou-nos o que se segue:

"Meu pai trabalhava no 'regatão' no rio Purus para sustentar seus nove filhos e minha mãe o ajudava fazendo doces e salgadinhos que meu irmão David ajudava a vender. Eramos muito pobres. Meu pai também servia de 'chazan' e 'mohel'. Muitas vezes presenciei meu pai chegar em casa de suas viagens com pouco dinheiro, mas feliz pelos casamentos, bar-mitzva e brit-milá que havia celebrado. Me lembro quando pequeno, os 'minianim' (quórum de dez homens com mais de treze anos) que

meu pai organizava em nossa casa no 'Rosh Hashaná' (Ano Novo) e no Yom Kipur (Dia do Perdão)".

Podemos aferir, a partir deste depoimento de Rubem Salgado, que a presença sefardita-marroquina na Amazônia caracteriza-se pela relação de aculturação e preservação.

Eva Blay em trabalho intitulado "Judeus na Amazônia (1997)", a qual exemplo do caso de Lázaro Salgado, narra a trajetória das famílias Benchimol e Athias e conclui:

"Portanto, a distância não significava isolamento nem esquecimento de raízes aprendidas. O isolamento era relativo, os contatos constantes, porém, com longos períodos de afastamento. Obedecendo a um calendário religioso, à beira dos rios, dos igarapés, improvisava-se uma casa de oração, e se reuniam os judeus das proximidades. O calendário era o mesmo que em qualquer parte do mundo.

Após o boom da borracha, Manaus recebeu ondas de judeus vindos do interior, como foi o caso de Lázaro Salgado e de outras duas centenas de famílias, onde fundaram duas sinagogas: A Beit Yaacov (1928/29) dos "megorashim" (expulsos de Portugal e Espanha) e a Rabi Meyr dos "toshabim" (nativos do Marrocos) ou forasteiros; e um cemitério, em 1929, no qual Salgado foi um dos primeiros enterrados, naquele mesmo ano.



• Jaime, Anita, Rubem (L'Z), Clara (L'Z), David (L'Z) e Alegria, filhos do casal Lázaro (L'Z) e Sime Blues Salgado (L'Z)

TRANSEXCEL

Segurança e Transporte de Valores Ltda.

- * Serviços de Segurança:
- * SEGURANÇA ELETRÔNICA
- * VIGILÂNCIA
- * TRANSPORTE DE VALORES

Solicite a visita de nosso consultor

232-3410

www.transexcel.com.br transexcel@netum.com.br

Rua Emílio Moreira, 638 Praça 14 Fone/Fax: (92) 232-3410 Manaus-AM

O AZUL DO NOSSO GÁS!



FOGÁS
CONFORTO, SEGURANÇA E QUALIDADE



Central Disk
Gás
0800 92 9292

Minha Sinagoguinha

Dr. Simão Arão Pecher

Especial para AJ

Ah! Que saudade da minha Sinagoguinha em Macapá, capital do Amapá (atual Estado do Amapá), situada no alpendre da casa da tia Esther Zagury Bemerguy (Z'L), irmã da minha mãe Syme (Z'L). Lá estava uma grande mesa retangular, que nas grandes festividades judaicas abrigava toda a comunidade em volta da *Torá*zinha que meu pai Nuta (Natan) (Z'L) ganhou da sua irmã Susy (Z'L) de Israel. *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur* e *Pessach* eram comemorados com fervor pelas nossas poucas famílias. O esteio maior dos judeus no Amapá foi plantado pelo meu avô Leão Zagury (Z'L), que lá chegou com sua esposa Sara Roffé Zagury (Z'L) em fins do século XIX, oriundo de Marrocos, chegando a receber patente de Capitão do Exército pela defesa do solo brasileiro na Fortaleza de Macapá, marco histórico da conquista portuguesa na Amazônia. Meu pai Nuta Wolf Pecher (Z'L) foi o primeiro asquenezado do Amapá ao chegar em 1949 com sua grande família (eu e minha mãe Syme Zagury Pecher (Z'L)) oriundos de Belém do Pará. Os Zagury, os Bemerguy, os Alcolumbre, os Peres, os Benoliel, os Barcessat, e os Amar eram todos descendentes de sefaradíes marroquinos que fugiram dos "pogroms" e perseguições, para tentar uma nova vida num novo mundo melhor.

Havia dois Jaimes, o Barcessat, que nós chamávamos de Jaimão (Z'L), por ser alto, e o Amar, que era baixinho e franzino, carinhosamente apelidado de Jaiminho (Z'L). Os dois rezavam em todas as festividades, portanto eram os nossos Chazanim.

Aprendi a "meldar" com o meu querido professor Jaiminho (Z'L), claro tendo minhas limitações pois ele não era letrado. Assim, aos meus treze anos fiz o meu BAR-MITZVÁ. Foi uma festa bonita em minha casa de madeira, que batizei de "Primeira Missa no Brasil", pois as poucas famílias judaicas estavam carinhosamente cercadas por amigos gentios, tal como quando Cabral rezou ao aportar em solo brasileiro em 1500, tendo em volta curiosos nativos por todos os lados.

Na minha Sinagoguinha foi apresentada à nossa "grande" comunidade tia Rachel, recém-casada no Rio de Janeiro com o tio Moisés Zagury. Também vi o início do namoro do primo Mair (figura)

lho da tia Esther e tio Naftali Bemerguy (Z'L) com a Helena Aben-Athar, que veio de Belém, que culminou em um feliz casamento, igualzinho como se faz até hoje nas grandes sinagogas de alhures.

Saboreei naquela grande mesa retangular pela primeira vez o "Halawi" oriundo de Israel. Que gostosura!

Lá ouvi os primeiros acordes de "HATIKVA" (Esperança), hino de Israel, tocado numa vitrola em setenta e oito rotações por minuto. Foi uma grande festa neste dia de 1954.

Para cumprir as "mitzvot" das festas judaicas, lembro-me perfeitamente bem que meu pai e meus tios tinham que "mandar recado" para os compatriotas fecharem seus "negócios", isto é, casas comerciais e repartições onde trabalhavam e virem rezar pois eram dias santificados, que jamais poderíamos esquecer e que tinham que ter "minian".

Imortal da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES) e Prof. Titular de Dermatologia da Universidade Federal do Amazonas. Especialista em alergias e dermatologia. Rua Luiz Antony, 434 - Manaus (AM). Tels: 92-2347888 e 2326712. sapecher@hotmail.com

As vítimas ocultas

Thomas L. Friedman

Nos últimos meses, a enorme expansão de emissoras de TV árabes via satélite e sites na Web causou impacto na opinião pública árabe, mostrando ao vivo e sem interrupção imagens da ofensiva israelense contra os palestinos na Cisjordânia. Essas imagens de TV e mensagens via e-mail incentivavam manifestações de massa no mundo árabe, e no Egito e em Bahrein manifestantes foram baleados. Poderia essa agitação derubar um regime?

Não, nenhum dos regimes árabes corre risco neste momento. Mas a sobrevivência ou não de regimes árabes não é o que mais importa. O importante é como eles sobreviverão. O que muitos estão precisando fazer para sobreviver é desacelerar quaisquer iniciativas de modernização, globalização ou democratização que eles vinham buscando ou prevenindo, e concentrar-se, ao menos retoricamente, na antiga agenda do conflito árabe-israelense. As maiores vítimas da guerra na Cisjordânia não serão líderes árabes, mas liberais árabes - enquanto experiências democráticas incipientes são adiadas, o investimento estrangeiro é reduzido, serviços de segurança ganham, mais liberdade para reprimir e a questão palestina predomina em todas as discussões públicas.

O rei Abdullah, da Jordânia, um dos líderes mais progressistas no mundo árabe hoje, contou-me: "Não pretendo engavetar o programa de modernização da Jordânia. Estamos indo em frente, mas não posso fazê-lo sozinho. Preciso que a população esteja comigo". Mas manter o povo e os políticos concentrados na modernização hoje não é tão fácil como há um ano. A Jordânia, a exemplo de todos os países árabes, é bombardeada por estações de TV árabes, via satélite e independentes, que competem para conquistar audiência mostrando as imagens mais horríveis e unilaterais de Israel brutalizando palestinos. Quando fiz a cobertura jornalística da invasão do Líbano pelos israelenses em 1982, eram necessárias horas ou dias para que filmes saíssem do país, e regimes árabes podiam controlar rigidamente o que era exibido.

Contrastando com isso, poucas semanas atrás a Arab News Network (ANN) levou ao ar, ao vivo, transmitindo de uma aldeia palestina próxima de Jenin, a entrevista de uma família palestina que fora trancada num cômodo por forças israelenses que davam batedeira na área. A mãe, que tinha telefone celular, ligava para a ANN pedindo ajuda para seus filhos. O mundo inteiro ouviu - ao vivo. "Você ouve os gritos", disse um editor jordânico. "Aqui vem parar diretamente no seu quarto."

Você vai para a cama vendo palestinos mortos e acordando vendo-os morrer (L.) Se você publica algo diferente disso na primeira página do jornal, as pessoas vão ri de você.

Não era esse o caso um ano atrás, quando o programa de modernização inovadora do rei predominava no noticiário da Jordânia. Para todos os efeitos, o programa ia começar este ano com uma reforma radical do sistema de ensino jordânico, conectando cada escola do país à Internet, e com novos investimentos para desenvolvimento da zona rural. Assim, que a iniciativa estivesse em andamento, o rei planejava realizar eleições no final do ano, para a escolha de um novo Parlamento que endossaria a agenda progressista. Como parte de toda essa arrancada, a Microsoft assinou sua intenção de investir US\$ 2 milhões numa firma de softwares criativos na Jordânia. Mas a Microsoft condicionou seu investimento: o país deve primeiro alterar suas leis sobre direitos autorais, relações trabalhistas e empresariais, para igualá-las aos padrões mundiais.

O gabinete ministerial emendou-as por decreto, mas esperava que um novo Parlamento as ratificasse. Mas, como a população jordânica está tão inflamada com os acontecimentos na Cisjordânia - "O programa de TV mais popular aqui agora é a televisão Hezbollah, é possível acreditar?", disse um empresário jordânico - ministros não podem falar abertamente, como faziam antes, sobre a agenda de reformas nacionais, a imprensa não se interessa e o público reavalia a conveniência de realizar eleições. O governo receia que, no estado de espírito atual, islâmicos conservadores conquistem a maioria das cadeiras, e não os progressistas. Esta é a verdadeira história das populações árabes. Estados árabes progressistas, como Jordânia, Marrocos e Bahrein, interessados em assentar sua legitimidade não na forma como enfrentam Israel, mas no modo como preparam bem seu povo para o futuro, estão tolhidos. Regimes árabes retrógrados, como os da Síria, Arábia Saudita ou Irã, que agora fornecem a suas populações mais desculpas para não adotarem reformas.

Os palestinos têm sido hábeis na indução do mundo árabe ao adiamento de seu futuro até que todas as questões emocionais da Palestina tenham sido solucionadas. Três gerações de árabes já pagaram caro só por poderem fazer uma pergunta: "Quem governa a Palestina?" e não "Como educamos nossos jovens e que tipo de democracia ou economia deveríamos ter?". Será uma tragédia se uma quarta geração tiver o mesmo destino.

É jornalista do The New York Times

O real segredo do Sêfer Ietsirá

Sempre que perguntava ao querido Rabino Abraham Hamú Z'L acerca do estudo do Sêfer Ietsirá, ele dizia que devemos primeiro "encher a barriga de Torá, Mitsvot para fazê-lo", depois de muita insistência ele revelou: eu leio um pedacinho do Sêfer Ietsirá todas as noites antes de dormir! Ele provoca uma "coceirinha" no cérebro e faz o pensamento ficar mais ativo.

Depois de muito pesquisar eu posso dizer que todo aquele que guarda o Shabbat e "enche a barriga" de sua porção semanal de Torá, está qualificado para segundo meu querido Rabi, "entrar na casa pelas portas" ou seja: a porção semanal da Torá "enveneniza" espiritual-



mente o indivíduo para que ele possa estudar a kabbalá.

Mas, porque esta exigência? O ser humano tem uma parte física e outra espiritual, que devem estar em relativa harmonia para que possam trazer benefícios reais. A Torá alimenta o espírito e o corpo de uma forma e, eis o grande segredo: o Sêfer Ietsirá que na verdade não é um livro religioso

e sim um manual para o uso do cérebro, isto mesmo é um manual linguístico que permite ao praticante desenvolver sua capacidade de focar seus desejos que temperados com a base fundamental que é a Torá provoca o despertar do que comumente chamamos de poderes mentais.

O Sêfer Ietsirá é um instrumento de treinamento da mente, uma ferramenta para exercitar o cérebro, é necessário que o indivíduo possua um profundo respeito e temor de Deus para obter resultados com o Sêfer Ietsirá. Graças a Deus este é um livro que se auto protege, como está dito: "o princípio da sabedoria é o temor a Deus" desde que você estude este manual com lembrança nos ditos de Hilel Z'L "o que é odioso para ti, não faças aos outros" vá em frente e realize seus desejos materiais, para cada vez mais poder se dedicar a Santa Torá.

Erwin Von-Kommel - tradutor do Sêfer Ietsirá



A SUA MELHOR ESCOLHA
http://www.bemol.com.br

BEMOL MADRIZ
R. Teixeira Viçosa, 2278 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL RIVENDA
Av. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL RIVENDA
R. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL RIVENDA
R. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL RIVENDA
R. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL GRANDE CIRCULAR
Av. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL GRANDE CIRCULAR
Av. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL GRANDE CIRCULAR
Av. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381

BEMOL GRANDE CIRCULAR
Av. Getúlio Vargas, 423 - Centro - Macapá - AP
Fone: (92) 232-4071 Fax: (92) 239-1381



TRANSPORTES DE CARGA LOCAL,
CONTAINER, CABOTAGEM,
ALUGUEL DE EMPILHADEIRAS,
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Tel.: 615-6000 / 615-6014



H'aa'i
O primeiro em livros

Novidades em presentes e livros

Tv. Dr. Moraes, 37 - Nazaré | Belém - PA
Fone: 55 91 223-4671 | Cep.: 66035-080



Ilana e David brindam com os pais. Hora e Ilko Mineu, Safira e Elias Benzecky



Os noivos Ilana Benchemin Mineu e David Benzecky no dia do "sim"

Rosh Hashaná na Hebraica

O jantar da Segunda noite de Rosh Hashana, mais uma vez ficou por conta da Diretoria da Hebraica a organização e preparação é o Dr. Isaac Dahan, Sheliach comunitário, ficou responsável pela cerimônia em si. Este ano, próximo das eleições os presentes ao evento tradicional da comunidade manauara, puderam desfrutar da companhia do candidato ao Senado Sr. Bernardo Cabral. Mais uma vez nota mil para todos os organizadores e participantes.

Rosh Hashana e Yom Kipur

Manaus mais uma vez comemorou estas duas datas importantíssimas de nosso calendário o Ano Novo e o Dia do Perdão com toda a tradição e louvor que lhe são características. O sheliach comunitário Dr. Isaac Dahan, chazan oficial, contou este ano com a colaboração entre outros, do Sr. Elias Azulay esteio da Sinagoga de Manaus e Meyr Israel que devido a passagem de seu irmão Samuel (Samy) Israel Z"l, foi convidado a assumir este importante papel nas orações durante os Iamim Noraim, CHAZAK UBARUCH a todos! Que D-us possa ter reservado à todos os correligionários do Ishuv manauara a inscrição no Livro da Vida. Amén!

Apagaram velinhas

- Sarah Dahan no dia 28/08 esposa do Dr. Isaac Dahan Sheliach comunitário e casal impar na comunidade de Manaus. Parabéns!
- Mariel Benayon também comemorou seu aniversário no último dia 15/09 muito particularmente pois em plena noite de Kal Nidrei não deu para festejar. Parabéns e até os 120 com saúde e ano que vem esperamos uma festa em dobro, ok?
- Dr. Moisés Salgado no último dia 17/09 muito em família também assoprou mais uma velinha. O pediatra comemorou ao lado da esposa Selma e filhos Patrícia, Gabriel e Ariela. MAZAL TOV BROTHER!



O casamento da temporada

Sem dúvida um casamento que irá ser lembrado por todos os convidados por muito tempo, ora pela simplicidade, ora pela ostentação.

Os noivos, David e Ilana, radiavam sorrisos entre os convidados que primeiramente acompanharam a cerimônia religiosa celebrada pelo rabino Moisés Elmesany de Belém e o Sheliach de Manaus, Dr. Isaac Dahan. Em seguida no salão Ponta Negra do Hotel Tropical de Manaus, a festa para recepcionar os convidados, ficou por conta da orquestra do cantor Shimon Lavie vinda de São Paulo. Todos se divertiram até as 4h da manhã com músicas de vários ritmos.

Bar-Mitzvá

Assumiu sua maior idade religiosa o jovem Bernard Samuel Benzecky, filho do casal Heloisa e Ricardo Benzecky e irmão da linda Vanessa. O Bar-Mitzvá foi realizado na Sinagoga Beit Yacov - Rebi Meyr no dia 05/09 e contou com a presença de parentes, amigos e demais convidados onde Bernard mostrou sua performance digna de um excelente barmitzvano. A recepção e festa foi feita no Salão "Toscano Festas" onde todos puderam desfrutar de um ambiente animado e bastante festivo. Os avós Samuel e Mery eram só sorrisos. MAZAL TOV!

SHIRAZ CERTA DE BRINCAR

Pedidos pelo fone:
9991-8858



Comitê Israelita do Amazonas lançou o novo Calendário Israelita para o Ano de 5763. Este ano o CIAM homenageia o grande empreendedor e empresário Isaac Benayon Sabbá Z"l.



O Centro Israelita do Pará também lançou o novo Calendário Israelita para o ano 5763.

O Centro homenageia este ano, a matriarca da família Althas, senhora Precilade Althas Z"l e o Engenheiro Judá Levy Z"l.

Este último teve o "zechut" (mérito) de construir três sinagogas que existem hoje na Amazônia, Beit Yacov-Rebi Meyr em Manaus e Shneur Hachanaim e Eshel Abraham em Belém.

AGÊNCIA JUDAICA PROMOVE WORKSHOP REUNINDO PROFISSIONAIS DE TODO O BRASIL



AGÊNCIA JUDAICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

A Agência Judaica de Intercâmbio Cultural, por meio de seus representantes de Educação e de Aliá, respectivamente Danny Wolach e Nestor Kirchuk, promoveu um dia inteiro de workshop em São Paulo, para seus funcionários e shlichim, que atuam no Brasil inteiro.

Na programação, uma interessante palestra com Chico Moreno sobre Ética Judaica na Medicina; discussões sobre temas relativos aos diversos trabalhos que a Agência Judaica desenvolve e como otimizar-los, e uma apresentação do que vem sendo feito nas áreas de Educação Formal e Não Formal do Departamento de Educação da Agência Judaica.

Danny Wolach
Representante do
Departamento
de Educação da
Agência Judaica

**300.000 pessoas
estão esperando ver
sua marca decolar.**



Anúncio na TV AEROPORTO. Nossa audiência está esperando por você.
Ligue (91) 252-1038 ou e-mail: tv.aeroporto@ig.com.br

* FONTE: MANTO
24 horas de atendimento 7 dias por semana

CASA REBELO

Alberio Rebelo e Cia. Ltda.
Materiais de Construção,
Ferragens em Geral
e Artigos para Pesca

Fones:
234-8462
233-3405
Fax: **633-2690**

Rua Barão de São Domingos, 73
Centro - Manaus - Amazonas

BRASCOMP®
COMPENSADOS
DO BRASIL S.A.

Bikur Cholim significa "visita aos doentes".
Trata-se de uma obrigação entre os
judeus e demonstra a preocupação da ética
judaica com o bem-estar do próximo.

Distrito Industrial - Ananindeua - Pará

KEH IOLÁ BY LISE

Nesta 6ª edição estamos lançando, no **Amazônia Judaica**, nossa nova coluna para podermos divulgar acontecimentos da comunidade de Belém. Esperamos que vocês gostem.

• Lise Serruya

Os meses de agosto e setembro foram de festas

No dia 17/08 Belém e Manaus estreitaram ainda mais suas relações.

Foi realizado nos salões do Hotel Tropical de Manaus o casamento de David Benzecry (filho de Belém) com Ilana Ben-Chimol Minev (filha de Manaus), filhos de Elias e Safira Benzecry e Nora e Ilko Minev. O enlace marcou as 2 comunidades pela beleza, alegria e criatividade.

As pessoas se divertiram até altas horas... a cada ritmo, brindes eram distribuídos como: cocarres, máscaras, óculos e etc.

De Belém seguiu uma grande cavavana para prestigiar, o que comen-



tam ter sido o casamento da temporada.

Ao novo casal que fixa residência em Manaus MAZAL TOV!

• No espaço Visão do Iguaçu o casal Leão e Débora Unger comemorou os 5 anos de Myrian que junto aos amiguinhos que foram abraçá-la divertiu-se para valer.

• Com muito merecimento este ano a escolha do Pai do Ano Wizo recaiu em Jaime Elmesany figura esta que sempre trabalhou por nossa comunidade.

Foi homenageado por Simone Unger (Presidente da WIZO) e recebeu ao lado da mulher Esther e dos filhos Zacarias, Isaac, Abraham, Clara e Moisés a homenagem de quem fez por onde merecer.

• No dia 25 de agosto, como ele costuma dizer: "A rosa respirou"... Aniversariou Isaac Jaime Serruya, que junto com sua esposa Oro, os filhos José, Pepita, Salomão, Moisés, a nora Lise (euzinha) e os netos recebeu os amigos para um jantar no Restaurante "Lá em Casa".

Durante o jantar seus convidados foram brindados com o show de Patrick Dimon... UM SUCESSO.

• Os gêmeos Jaime e Lauro junto aos pais Fábio e Nina (Barcessat) Vasconcelos e irmão Daniel escolheram o Bob's para celebrar os 5 aninhos. Essa dupla promete.....

• Moisés Barcessat Neto reuniu os bem íntimos no dia 07/09 para assoprar as velas. Sua esposa Sílvia preparou um delicioso jantar para seus convidados. Parabéns!!



Bar-Mitsvá

No dia 05/09 foi realizado na sinagoga Shaar-Shamaim a maior idade religiosa de Ariel Azulay(foto), que junto com sua mãe Meryam e seus avós Messody e Isaac Israel recebeu a todos no 'Alfajour Buffet' para um gostoso desjejum com muitas músicas e danças típicas.

Para Ariel Mazal Tov e que este seja só o princípio de uma vida pausada na fé!

Moda

Nova moda: Não só entre as crianças mas também adolescentes os novos relógios/brinquedos da Xuxa só para baixinhos verdadeiras gracinhas que além de relógios são LOIO e bichinhos em gel colorido. Um XuXesso!!!!!!!



Yom Kipur

O dia de Kipur foi celebrado nas sinagogas de Belém(Shaar Shamaim, Beit Chabat e Essel Abraham) pelos rabinos: Elmesany e Disraeli Zagury auxiliados pelos chazanim David Salgado, Moshe Levy, Moisés Serruya, Jacob Dahan, Elias Serruya, Elias Israel, Abraham Elmesany, Inácio Obadia e Samuel Serruya.

QUE D-US NOS TENHA INSCRITOS NO LIVRO DA VIDA COM SAÚDE PARA 120 E 127 ANOS!!!!



Cegonhas

Estão gravidíssimas:

• Nina Barcessat Vasconcelos esposa de Fábio que vai aumentar a tropa já composta por Daniel, Jaime e Lauro.

• Noêmia esposa de Ary Zugman, casal que por anos nos honrou com sua presença maravilhosa e amiga e que voltou para sua terra natal Curitiba. Gabriel e Daniel vão ganhar uma irmãzinha.

• Sílvia Amar Barcessat esposa de Moisés Barcessat Neto que resolveu apresentar Allan Messod com um irmãozinho. Vou ser titia again. Melhorado again, and again, and again.....

• Ana Raquel Pinto Keuffer esposa de Arlen Keuffer que dará a Alef um irmãozinho.

Fraldinhas

• No dia 24/07 no R.J. nasceu Milena filha de Nina Sarah e Marcos Fridman. Milena já nasceu Global, seu nascimento foi notícia, filmado e mostrado no Globo Repórter que versou sobre ansiedade. Para receber Milena de Belém seguiu seus avós Isaac e Clara Barcessat. Para ela muita sorte e alegria.

• Nasceu na segunda noite de Rosh Hashaná Haimi filha de Haila e Mihai Bobina. A boneca, que já nasceu com pinta de bailarina, vai agora 'obrigar' ao papai pescador a trocar seus anzóis e varas por fraldas e chupetas para ajudar mamãe Haila a tomar conta de sua "pequena sereia".

• Como diziam nossas avós: "É de pequeno que se aprende o caminho". Assim, fizeram seu debut na sinagoga:

Marcos Elias, filho de Alberto e Eliana(Pinto) Soares.
Daniel, filho de Jacob e Ana Clara (Pinto) Alcântara.

Rosh Hashaná

• Foi celebrado como de costume por nossa comunidade: nas sinagogas. Todos se reuniram para orar e pedir perdão por seus pecados e assim serem inscritos no livro da vida.

• Após o culto todos saíram para suas residências e se confraternizaram em jantares e almoços com as delícias de nossa culinária como: cuscússus, estofados, muculés, adafinas, quajadas e etc. A todos um ano bom e doce!

• Este ano o CIP inovou realizando o jantar da segunda noite de páscoa 60 pessoas estiveram presentes se confraternizando. Todos que lá estiveram já garantiram presença para o ano que vem.

• Nesta mesma noite quem saiu correndo no meio do jantar foi o casal Moisés e Alita Bemerguy...o motivo mais do que justo nascia pouco tempo depois a primeira neta do casal Haimi filha de Haila e Mihai Bobina. Parabéns aos pais e avós. Salud e vida a Haimi!

• O Centro Israelita do Pará distribuiu gratuitamente caixas de tâmaras espanholas aos associados e colaboradores. Excelente iniciativa.

• Pensando principalmente nas mulheres, foram doados pelo CIP Machzorim para Rosh Hashaná e Yom Kipur aos templos Shaar Hashamaim, Eshel Abraham, Beit Chabad e à comunidade de Macapá.

“Somente a Paz modifica e melhora a convivência entre os homens.”



ANDRÉ DIAS
Deputado Estadual **45678**

WORKSHOP

BIT LINUX

WEBMASTER



APRENDA A CONFIGURAR,
INSTALAR E ADMINISTRAR
UM SERVIDOR LINUX DE
INTERNET OU INTRANET.

CBIT
company

Av. Alm. Tamandaré, 1002 A
Tel: 250-5560